



Como pensar a fenomenologia do invisível?¹

How to think about the phenomenology of the invisible?

Janessa Pagnussat ²

Resenha de: FABRI, Marcelo; GRZIBOWSKI, Silvestre. *Introdução à fenomenologia do invisível: (o amor, o desejo, a vida)*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2022. 122 p.

O livro *Introdução à fenomenologia do invisível: (o amor, o desejo, a vida)*, de Marcelo Fabri e Silvestre Grzibowski, que foi publicado recentemente, tem o intuito de trazer as diferentes perspectivas sobre a questão do invisível e como isso perpassou vários autores ao longo da história da filosofia e, especialmente, como esse enigma se insere na própria fenomenologia. Para isso, a fundamentação da obra ocorre, principalmente, a partir dos pensamentos de Emmanuel Levinas, Jean-Luc Marion e Michel Henry. Além disso, alguns filósofos clássicos que trataram da questão da invisibilidade também são lembrados, como Platão, Plotino, Santo Agostinho e o fenomenólogo Edmund Husserl. Eles servem como fonte condutora para a compreensão e reflexão a respeito do conceito de invisível em diferentes abordagens ao longo da obra.

O amor, o desejo e o bem: como podemos determinar sua existência em nossa vida, se não os vemos, não os tocamos, não são visíveis? Os escritores tecem um paradigma para aquilo que é invisível e cuja existência não sabemos racionalmente, mas podemos dizer que existe, já que por vezes o sentimos em nossa interioridade. Três apelos ganham destaque nesse livro: o da ética, do amor e da vida invisível, baseados, respectivamente, em Emmanuel Levinas, Jean-Luc Marion e Michel Henry.

A obra está estruturada em três partes, sendo que em cada parte há três capítulos, com exceção da última parte, que contém quatro capítulos. A questão do invisível perpassa toda a obra em suas diferentes maneiras de ser descrita e conceituada. Assim, o ponto central de cada capítulo

¹ Recebido em 27 de março de 2022. Aceito em 7 de fevereiro de 2023 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Mestre. UFSM. E-mail: janessapagnussat@hotmail.com



é apresentar como a fenomenologia do invisível se dá na experiência subjetiva do amor, do desejo e da vida.

O prefácio intitulado “A invisibilidade do mal e a ideia de filosofia” conta com a participação de Miguel García-Baró López e traz algumas reflexões sobre os paradoxos da filosofia e antifilosofias, assim como a origem do mal. A ideia de filosofia está intrinsecamente relacionada com a responsabilidade absoluta de cada ser humano. O autor recorda a passagem de *Teodicéia* em que Leibniz apresenta o sofrimento como o indício para a reflexão sobre o mal, ou seja, sua evidência. A tese filosófica exposta é que o mal procede de cada ser humano e não se trata relativamente de uma ação para com outrem. As antifilosofias estão ao lado das ideias do senso comum sobre o mal como ruim por absoluto, esse mal enquanto físico e não moral.

A morte como reflexão compõe o elemento básico de toda atitude filosófica em que o indivíduo se depara consigo mesmo: com sua responsabilidade e com seu apelo à verdade. O sofrimento, a culpa, a dor, a inocência e a consciência de paz são palavras abissais que embasam as reflexões iniciais desta obra. Por fim, isso é justificado a partir de duas chaves da literatura filosófica: Simone Weil e sua descrição abismal da miséria; e os modos paralelos de Emmanuel Levinas e Maurice Blondel sobre a ação humana.

A introdução traz inquietações iniciais sobre a fenomenologia e o aparecer dos fenômenos. A intencionalidade da consciência e a doação de sentido ao ser nos interpellam sobre o modo de aparecer das coisas, a busca pela luminosidade e os espetáculos que ocorrem no mundo. O filósofo francês Michel Henry já questionava sobre uma fenomenalidade para além daquela do mundo em que estamos inseridos. A fenomenologia do invisível remete ao retorno das coisas mesmas e ao que nos inquieta incessantemente em busca de sentido. Proust e o primeiro volume da obra *Em busca do tempo perdido* são lembrados pelos autores para introduzir aquilo que sentimos, o que nos perturba, introduzindo uma “imagem” em nós, ao mesmo tempo que é invisível aos nossos olhos.

A primeira parte, intitulada “A fenomenologia entre visível e invisível”, é dividida nos seguintes capítulos: 1) A nostalgia do invisível; 2) A desobstrução do visível; 3) Para além do visível. No primeiro capítulo, é descrita a importância de a humanidade querer ver o mundo, apreender o visível, o inteligível e o sensível. A teoria das ideias de Platão e as reflexões a partir de Santo Agostinho suscitam que a alma humana está sempre em movimento, a existência do desejo cria o Bem e o amor é a busca pelo invisível como vestígio da Trindade: a imagem de Deus em nós. Com isso, a interlocução com Edmund Husserl é trazida pela busca da verdade ao que é relativo, finito



e temporal. A nostalgia do invisível se insere aqui como apelo na tarefa da filosofia referente à responsabilidade para com o mundo e a vida.

No segundo capítulo, destaca-se o espetáculo do visível como modo de enfatizar a nostalgia do invisível. A necessidade de sempre buscar e contemplar o visível acaba por dispersar a alma humana pelo fluxo do empirismo. A metafísica aristotélica abriu portas para pensar a relação entre o visível e o sensível, sendo o primeiro fundamental para a compreensão do inteligível. Então, o conceito de fenomenologia é introduzido para trazer a “abstração” dos objetos existentes nas realidades imprecisas produzidas por nós mesmos. O problema surge no paradoxo entre o mundo objetivo da ciência e o mundo subjetivo vivido. A teoria de Husserl é trazida para explicitar o estudo da consciência enquanto subjetividade humana, tendo como ponto de partida o que nos é visível. A questão latente aqui é a pretensão da fenomenologia de buscar sentido naquilo que *aparece* através de um método o qual Husserl chama de redução fenomenológica transcendental guiada pela intencionalidade. Assim, a subjetividade humana é constituinte do mundo e também o constitui em um movimento mútuo. Desta forma, a fenomenologia está condicionada na relação entre o visível e o invisível.

No terceiro capítulo, os limites das ciências são explorados para desobstruir aquilo que é evidente. A compreensão do ser vai além daquilo que Husserl apontava em sua teoria da consciência intencional transcendental. Heidegger pretendeu compreender o ser do ente, uma ontologia da questão da verdade. O problema do Bem é trazido pelos autores como algo que ultrapassa os limites tanto ontológicos como objetivos. Nesse sentido, o que cabe à fenomenologia senão a interpretação dos fenômenos daquilo que *aparece* e para *além do ser*? Emmanuel Levinas surge como fonte para a experiência humana da invisibilidade. A fenomenologia do invisível torna-se a possibilidade para explorar para além desses fenômenos: o *dar-se* dos fenômenos através de uma relação inter-humana.

A segunda parte, intitulada “Fenomenologia do invisível”, é dividida nos seguintes capítulos: 4) Desejo do invisível; 5) O apelo do invisível; 6) O amor e o invisível. Inicialmente, “pode-se dizer: a subjetividade humana se estrutura como um ‘estar em casa’” (p. 54). No quarto capítulo, considerando a fenomenologia de Levinas, o invisível surge naquilo que não é dado ou intencionado a partir da consciência. Assim, o desejo de saída de *si* é o que move o ser ao que vem do rosto do outro, ao mundo, à responsabilidade, à *aparência* de Outrem, à ética, ao que interpela.



O quinto capítulo se apresenta pela continuidade desse desejo incessante da vida: o apelo do invisível. Pelo estudo da obra levinasiana, a teoria de Jean-Luc Marion é utilizada para descrever o acontecimento paradoxal da fuga (*dérobade*) do visível no encontro entre dois olhares que se chocam. Isso significa dizer, nas palavras dos autores, que “a alteridade como olhar (rostos) é a consciência que se percebe na contramão, atravessada por uma reversão (*reversement*)” (p. 62). Assim, a ruptura entre a visão e a intuição abre o paradoxo de uma visibilidade do invisível, a vulnerabilidade do rosto diante do impacto do apelo. Com Heidegger, há o apelo do ser (*Anspruch des Seins*), a ipseidade do *ser-aí*.

A questão que surge nesse contexto é de onde vem essa invocação para o apelo. Os fenômenos se mostram como puro dado. O dom recebido escapa ao domínio do ser. Acontecimentos como a amizade e o amor são dons recebidos que fogem ao controle do próprio doador e irrompem (*éclate*) na consciência de quem chega. Para Marion, não há uma compreensão para essa fenomenalidade. Assim, o conceito de subjetividade *adonada* é definido como o ser que recebe uma interpelação, uma convocação para aquilo que lhe é doado, aqueles fenômenos que provocam inquietude e a possibilidade de respostas, chamados de amizade, solidariedade, esperança, crença no mundo e na vida.

O ato de amor é invisível e advém como um apelo do invisível para o visível. O sexto capítulo traz com grande ênfase a importância do amor como ato decisivo em nossas vidas. Os autores justificam com Levinas que o amor nos interpela de uma forma radical, não como uma relação de poder ou de apropriação do outro, mas de mistério. Como inacessível, o invisível caracteriza a relação amorosa em que nada se espera, mas que *me* atinge. Fazendo referência a Marion e à questão da redução erótica, o amor constitui, cada ser tornando-o *insubstituível*. Para além da intencionalidade e da objetividade, a carne (*chair*) fenomenológica é descrita pelo “deparar-se com uma invisibilidade em si mesmo” (p. 70). Porém, a redução erótica descreve o “outro lugar” (*ailleurs*) como aquele de onde provém o amor, já que ele não pode ser certificado (*assurance*) em si mesmo de modo solitário. O amor dá o acesso ao invisível seja pelo testemunho de Deus, pelas interpelações ou pela própria imanência. Portanto, o *sendo dado* de Deus por excelência também implica uma invisibilidade como ausência, destacado na obra como um risco suscetível ao não sentido.

Por fim, a última parte da obra é dedicada à fenomenologia da vida invisível embasada na teoria de Michel Henry, dividindo-se, então, em quatro capítulos: 7) A vida invisível; 8) O invisível

precede o visível; 9) A vida entre imanência e transcendência; 10) A manifestação do invisível no sofrimento e no cristianismo. No sétimo capítulo da obra, os autores trazem o tema da vida na dimensão afetiva para a compreensão do invisível. Destaca-se que, para além da ontologia formal, Henry se deteve em uma fenomenologia que prioriza uma essência na imanência do ser, não havendo uma dualidade de aparecer, ou seja, o visível e o invisível não são considerados como opostos. A fenomenologia da vida é enfatizada para edificar a fenomenologia do invisível. Sendo assim, a fenomenologia da vida invisível surge como “uma lacuna deixada pelo método e objeto da fenomenologia tradicional onde suas descrições e análises são obras da transcendência” (p. 82). Isso permite destacar a importância do invisível enquanto novas possibilidades de interpretar a interioridade de cada vida subjetiva.

O oitavo capítulo se detém em um recorte conceitual da tradição filosófica quanto à dualidade do aparecer e à concepção de fenomenologia. Mais precisamente, “o termo *fenomenologia* designa o estudo do *fenômeno*, que indica o conteúdo e *logia* o método” (p. 85). Considerando a teoria heideggeriana, Henry problematiza o modo de aparecer dos fenômenos. A distinção do conceito de *aparecer* é descrita por dois modos: o aparecer do mundo e o aparecer da vida, sendo o primeiro aquele determinado a partir da intencionalidade presente na fenomenologia husserliana, e o segundo aquele que Henry procura defender em sua teoria. Cada ser é um vivente porque possui uma vida que revela sua essência em sua imanência como primordial e originária.

Além disso, Descartes foi uma grande influência na teoria de Henry ao considerar que, além de Husserl, ele foi o fundador da fenomenologia originária. O cartesianismo traz pressupostos para a Fenomenologia da Vida ou Material com os conceitos de *videre videor*, *cogitatio*, *experiência afetiva*. A proposição “*at certe videre videor*” – “no mínimo parece que eu vejo” (DESCARTES, 2005, p. 159) aponta para uma nova interpretação henryana: a fundamentação do *videor* como um ver anterior ao *videre*. Pela dúvida cartesiana, Henry percebe que há um ver originário que antecede o *cogito*. Assim, dado que o ser é o sujeito pensante, há uma matéria fenomenológica que Henry chama de afetividade, enfatizando a distinção entre o aparecer (ver visível como pensamento) e o autoaparecer (ver originário como afetividade). Então, a *cogitatio* revela e é o conteúdo da essência como afetividade.

A essência e a verdade primordial são descritas na obra como essenciais para a teoria henryana. No nono capítulo, enfatiza-se a dimensão da imanência radical como estrutura interna da vida. Assim, a verdade originária se apresenta no sentido da imanência absoluta contrapondo-



se ao plano transcendental husserliano. Nesta mesma perspectiva, Henry percorre Mestre Eckart para apresentar a revelação e a proximidade de Deus, conduzindo para um caminho que não pode ser visto. À analogia do visível e do invisível são comparadas a luz do dia e a obscuridade da noite, considerando que é na invisibilidade da noite que emergem o mistério e a essência da fenomenalidade pura.

Por fim, no décimo e último capítulo, a questão do invisível é trazida na perspectiva do cristianismo. Inicialmente, apresenta-se a noção do invisível da vida no sofrimento. A tonalidade afetiva do sofrimento na teoria henryana é vivenciada no ser como conteúdo originário. Então, a vida é afetada por ele na imanência absoluta, a partir da própria subjetividade e não na exterioridade através do método no qual Husserl se deteve.

A proximidade com Mestre Eckart, com Kierkegaard e com os textos bíblicos permitiu que Henry sustentasse a concepção de cristianismo em sua teoria. Salienta-se que ele utiliza sua própria compreensão acerca do tema, não transpondo nenhum método de outro pensador. Sua interpretação do cristianismo permite mostrar uma noção de ser humano. Assim, a separação da vida das coisas do mundo visa buscar a dimensão do invisível. O paradoxo se apoia na noção de *segredo* presente nos evangelhos, em que cada subjetividade vive sua vida na invisibilidade e na afetividade, opondo-se às preocupações externas do mundo que levam ao esquecimento do Si. “Quem age em segredo sabe que há uma comunhão invisível entre Deus e o ser humano” (p. 109). Portanto, o segundo nascimento designa o retorno daqueles que se perderam no mundo e querem voltar novamente à vida, pois ela “está sempre a nossa espera” (p. 109). Além disso, justifica-se que sempre há possibilidades para o equilíbrio entre o visível e o invisível.

Deste modo, essa obra configura uma nova forma de pensar a fenomenologia na atualidade para além da esfera do visível: o invisível enquanto possibilidade de compreensão da vida e dos seus limites de fenomenalidade pura. O amor e o desejo jamais poderão ser vistos como objetivados e dados, senão na experiência subjetiva da vida invisível. A obra é inovadora, permite importantes reflexões sobre o ser humano e pode contribuir significativamente para distintas áreas do conhecimento.

Referências

DESCARTES, R. *Discurso del método y meditaciones metafísicas*. Madrid: Tecnos, 2005.